

## AQUARELAS\*

### III

#### O EMPREGADO PÚBLICO APOSENTADO

Os egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desaparecia na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existiu só lá esse facto.<sup>1</sup> O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana, indefinível; o que chamamos empregado público aposentado.

Espelho *à rebours*,<sup>2</sup> só reflete o passado, e por ele chora como uma criança.<sup>3</sup> É a elegia viva do que foi, salgueiro<sup>4</sup> do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! abolir o método! desmoronar a ordem!

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno lábaro do que é moderno,<sup>5</sup> o empregado público aposentado é um dos tipos mais curiosos<sup>6</sup> da sociedade. Representa

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 7, p. 1-2, 16 out. 1859), ESP2009 (p. 51-54). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> facto.] fato. – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

<sup>2</sup> *à rebours* (expressão francesa): às avessas.

<sup>3</sup> criança.] criança – em ESP.

<sup>4</sup> salgueiro: também conhecido como “chorão”, tem valor simbólico em diversas culturas; pode ser aqui, simplesmente, o equivalente de “símbolo”.

<sup>5</sup> Esta passagem tem toda a aparência de contradição, uma vez que “lábaro” significa “insígnia, bandeira”. “Lábaro era o estandarte militar dos antigos romanos; por metonímia, podemos estender seu sentido àquele que o porta – donde a ideia de “combatente do (contra o) modernismo”. Sousa da Silveira (1951, p. 40-41) aponta exemplo, com a expressão “ofensa de Deus”, de ambiguidade do sentido da preposição “de”. Aponta, também, uma passagem de *Os Lusíadas* (canto V, estância 43), em que a preposição “de” tem sentido obscuro, e, por isso, foi motivo de polêmica. De nossa parte, não vemos tanto motivo para polêmica nesta fala de Adamastor: “Sabe que quantas naus esta viagem / Que tu fazes, fizerem de atrevidas / Inimiga terão esta paragem / Com ventos e tormentas desmedidas: / E da primeira armada que passagem / Fizer por estas ondas insofridas, / Eu farei d’improviso tal castigo / Que seja mor o dano que o perigo.” Não pode haver dúvida (em nosso entendimento) que o gigante faz ameaças *contra* os navegantes que se aventurarem por aquelas paragens. Embora Sousa da Silveira não aponte “contra” como um dos sentidos possíveis para a preposição “de”, nós o julgamos cabível. Podemos dizer: “o soldado foi um combatente *do* cristianismo” – em que o *do* é ambíguo: tanto o soldado pode ser cristão, como pode ser um inimigo *do* cristianismo.

<sup>6</sup> um dos tipos mais curiosos] um dos mais curiosos tipos – em ESP2009.

o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos.

É o tipo que hoje trago à minha tela. São variáveis o caráter e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais finos, os mais vivos.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é conceber o sol sem luz, o oceano sem água.<sup>7</sup> Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparáveis. E têm<sup>8</sup> razão! O que vale uma caixa de rapé não o compreende qualquer profano. É o adubo oportuno de uma conversa árida e suada sobre qualquer reforma do<sup>9</sup> governo. É o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma coisa.<sup>10</sup> É a boceta de Pandora. É tudo, quase tudo.

E não parece. Aquele utensílio tão mesquinho, em um outro qualquer está circunscrito na estreita esfera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o depósito de um vício, torna-se o instrumento de certos factos políticos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestígio do empregado público aposentado não para só na boceta, estende-se por todos os acessórios<sup>11</sup> daquele curioso indivíduo. Na gravata, na presilha,<sup>12</sup> na bengala, há certo ar, uma nuance especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado público esses dotes, como um presente de núpcias.

Ora apesar deste metódico das formas, não estão limitadas aí as vistas do aposentado. Há naquele cérebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a política? A política lá o espera; lá o espera o governo; lá o espera o teatro, as modas, os jornais, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as cousas do país. Não é um vício, é uma virtude cívica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatório das doutrinas retrógradas<sup>13</sup> do empregado público aposentado. Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viúvo da secretaria, arqueólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não compreende que haja nada além das raiais de uma existência oficial.

Todos os progressos do país estão ainda debaixo da língua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro! é uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os

---

<sup>7</sup> água.] água – em ESP.

<sup>8</sup> têm] tem – em ESP. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

<sup>9</sup> do] de – em ESP2009.

<sup>10</sup> coisa.] coisa. – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

<sup>11</sup> acessórios] acessórios – em ESP2009.

<sup>12</sup> presilha.] perzilha, – em ESP.

<sup>13</sup> retrógradas] retrógadas – em ESP.

meios clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro!

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das cousas – podem contar com um contra do empregado público aposentado. Este meio mesmo de retratar à pena, como faço atualmente, revoltaria o espírito tradicional da grande múmia do passado. Uma inovação de mau gosto, dirá ele. É verdade; não representa apenas a superfície da epiderme, vai às camadas mais íntimas da matéria organizada.

O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que é ele capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador sério e atencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a atenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das cousas políticas.

Ao sair dali<sup>14</sup> o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguaceiro de palavras e invectivas contra a marcha dos negócios mais interessantes do país.

De ordinário o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriais e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas.

É sempre assim.

No sarau o empregado público aposentado é pouco cortês para com as damas; vai procurar emoções nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programa, lá vai tachando de imoral aquele divertimento que tanto dinheiro absorve; fica-lhe a consciência.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado? Ele vai por toda a parte onde se é lícito rir e discutir, sem ofensa pública.

O leitor conhece decerto a individualidade de que lhe falo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especiais que a denunciam entre mil cabeças. Que lhe acha? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro.<sup>15</sup> Deixem-no mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em política, discutir os governos; não faz mal.

---

<sup>14</sup> dali] dali, – em ESP2009.

<sup>15</sup> cordeiro.] cordeiro – em ESP.

Em uma comédia do nosso teatro, há uma reprodução deste tipo, o Sr. Custódio do *Verso e reverso*.<sup>16</sup> Mirem-se ali, e verão que apesar do estreito círculo em que se move, faz pálidos e mirrados estes ligeiros e maldistintos lineamentos.

M—as.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

### Referências

ALENCAR, José de. *Verso e reverso*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. v. IV.

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ASSIS, Machado de. Aquarelas III. O empregado público aposentado. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-2, 16 out. 1859. Disponível em:  
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=75>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

---

<sup>16</sup> *Verso e reverso*] *Verso e Reverso* – em ESP2009. Trata-se da comédia em dois atos de José de Alencar. Foi representada pela primeira vez no teatro Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1857. Na lista dos personagens, Custódio é assim caracterizado: [*empregado aposentado*]. A segunda edição da peça traz o título *Verso e reverso* (1864). O parecer da Comissão de Censura do Conservatório Dramático traz o título *O Rio de Janeiro, verso e reverso*. O anúncio da peça, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 28 de outubro de 1857, trazia o título *O Rio de Janeiro*, com o subtítulo “verso e reverso”. A bibliografia do autor, na edição da *Obra completa*, de José de Alencar (1960, v. IV, p. 1322), informa que o título da peça, na primeira edição (1857), era apenas *O Rio de Janeiro* – depois modificado pelo autor.

SILVEIRA, Sousa da. *Sintaxe da preposição de*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.